

Resumo

O presente artigo busca compreender como se estabelece a relação entre a doutrina das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais e as concepções do contexto político e social atual, através de uma ótica que relaciona a religião evangélica com a ascensão da extrema direita no Brasil, e consequentemente, a vitória eleitoral do governo Bolsonaro. A partir disso, o artigo visa discutir e compreender o momento histórico atual e os fenômenos que se manifestam na produção e na reprodução da realidade das estruturas sociais, mostrando assim, os interesses que movem as relações concretas entre os homens, e entre os homens e o mundo em que habitam.

Palavras-Chave: Evangélicos, Bolsonaro, Extrema direita.

Resumen

Este artículo busca entender cómo se establece la relación entre la doctrina de las iglesias evangélicas pentecostales y neopentecostales y las concepciones del contexto político y social actual, a través de una óptica que relaciona la religión evangélica con el surgimiento de la extrema derecha en Brasil y, en consecuencia, la victoria electoral del gobierno de Bolsonaro. En base a esto, el artículo tiene como objetivo discutir y comprender el momento histórico actual y los fenómenos que manifiestan la producción y reproducción de la realidad de las estructuras sociales, mostrando así los intereses que mueven las relaciones concretas entre los hombres, y entre los hombres y el mundo en que habitan.

Palabras clave: evangélicos, Bolsonaro, extrema derecha.

Abstract

This article aims to understand how the relationship between the doctrine of the Pentecostal and Neopentecostal evangelical churches and the conceptions of the current political and social context is established, through a perspective that relates the evangelical religion with the rise of the extreme right in Brazil, and consequently, the electoral victory of the Bolsonaro government. From this, the article aims to discuss and understand the current historical moment and the phenomena that manifest the production and reproduction of the reality of social structures, thus showing the interests that move the concrete relations between men, and between men and the world they inhabit.

Keywords: Evangelicals, Bolsonaro, Far right wing.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela UNESP pesquisa a relação entre neopentecostalismo, sistema econômico, política e mercado. lowenthalmanuela@gmail.com



Introdução

Historicamente, a religião é um instrumento de importante centralidade na sociedade, e está em muitos momentos vinculada de alguma forma ao Estado. Nesse sentido, a igreja passou a ser, em algumas situações, uma ferramenta de coerção social e cumpre com a função de manutenção da ordem, exercendo grande influência sobre as condutas de comportamento, produção de ideias e formação de consciência. Marx não pôde prever a “Teologia da Prosperidade”, mas esta aparece como um ótimo exemplo de uma ideologia que, transmutada em religião e materializada na vida concreta, se expressa no comportamento e nas relações sociais, e é condicionada por uma vida mediada pela mercadoria, sendo a religião perfeita para o sucesso do neoliberalismo.

Como parte constituinte da vida social, a religião, enquanto esfera simbólica se torna igreja e a igreja como representação social de um sentimento subjetivo do homem, uma instituição no momento em que se vê imersa na estrutura reprodutiva das sociedades burocratizadas. De fato, o capital envolve todas as dimensões sociais em sua dinâmica, criando modos e meios totalizantes e dominantes de mediações reprodutivas, se articulando, a fim de subordinar todas as funções de reprodução social para a geração de lucro e manutenção de hierarquias de poder. Como hierarquias de poder entendemos aqui as estruturas que sustentam o sistema vigente.

Geralmente, a moral é uma das principais ferramentas para que uma estrutura de poder seja mantida; o controle de corpos, condutas de comportamento, vida e, principalmente, a sexualidade, todos estes instrumentos de domínio de toda uma classe, e a religião atua perfeitamente nessa esfera, ditando exatamente o que deve e o que não deve ser feito, o que devemos ou não julgar como certo ou errado, o que Deus aceita ou não.



Quando um vertente religiosa ganha muito domínio e influência sobre grande parte da população de um país, como ocorre no Brasil com as igrejas evangélicas, fica fácil ditar as condutas e manipular os comportamentos. E quando essa vertente religiosa se vincula a uma vertente política, o país se torna completamente vulnerável aos interesses desses grupos como se fossem seus próprios interesses.

No Brasil, ainda há um fator agravante da situação: a crise econômica. A condição econômica do país produz eventos fundamentais e circunstâncias favoráveis para a propagação de certas maneiras de pensar, além de proporcionarem determinada vulnerabilidade da população, conseqüente do desespero coletivo e da ausência de horizontes e utopias concretas acerca da estabilidade do país. A crise econômica afeta não apenas a vida financeira, mas também interfere diretamente na subjetividade das pessoas, na capacidade de sonhar e nas formas de se fazer política e de perceber o mundo ao seu redor. É nesse terreno fértil que surgem figuras como a de Bolsonaro: alguém que se auto intitula uma espécie de “salvador da pátria”, que apresenta supostas soluções para o país, um homem “de família”, religioso, que fala a linguagem do povo, articula ideias fáceis e simples que o senso comum anseia, destilando preconceitos e dando forças aos que pensam como ele, ou estimulando aqueles que estavam perdidos e sem nenhuma representação ou direção para seguir.

Bolsonaro é a imagem e semelhança de um país abandonado materialmente, desprezado economicamente, humilhado intelectualmente, mas com poucos recursos para pensar um novo caminho. Quando o caminho é dado sem grandes esforços, como uma fórmula mágica, como um remédio de cura imediata, como porta voz dos caminhoneiros, dos “tiozões” machistas, dos “Homer Simpsons” de verde amarelo, tudo fica tão lindo e



mágico, que a ilusão cresce e o medo desaparece. A multidão se fortalece em ideias rasas, superficiais e imediatistas, todas em nome de Deus, todas acionando um Deus neopentecostal que humilha e insulta todos aqueles que são diferentes deles, um Deus intolerante e irresponsável. A multidão toma força, e essa força passa a se considerar indestrutível. Essa massa atropela tudo e todos aqueles que discordam ou a questionam, assim como um dogma desesperado. Os adeptos de Bolsonaro se parecem com um fundamentalista ou um extremista, acionando a religião para justificar seus atos inconsequentes.

Porém, um discurso político por si só não se sustentaria, é preciso mais. É preciso um suporte emocional, um apelo religioso, uma estrutura mais sólida para sustentar toda essa visão de mundo. É preciso que o bolsonarismo seja impulsionado por uma religião. Qual religião é inquestionável, assim como o extremismo da direita? A igreja evangélica. É nesse sentido que a igreja se alia à política. Dois campos de poder e hierarquia distintos, porém que exercem grande influência em todos os setores sociais, ocupando a função de base da sociedade. O campo político recebe o que precisa: a coerção moral e inquestionável dos seus preceitos, e a igreja por sua vez ganha a força legitimadora de sua doutrina, recebendo um caráter burocrático e oficializando seus dogmas. Através de figuras de religiosos no Congresso, o que chamamos de “bancada evangélica”, os evangélicos passam a ter representantes no poder e dessa forma conseguem transformar sua doutrina em lei, lutando contra toda e qualquer possibilidade de mudança nas estruturas sociais e nas bases do patriarcado.

É a “eficácia simbólica” na qual Bourdieu (2008) se refere, ou o que Berger (2010) chama de “estrutura de plausibilidade”. A religião precisa fazer sentido naquele contexto, assim como o discurso político também



deve estabelecer uma relação afetiva com o indivíduo, Ela necessita fazer parte dos significados e partilhar da linguagem e símbolos para que possa participar da consciência das pessoas e construir definições plausíveis de realidade.

Mas como ocorreu esse processo? Essa é uma pergunta que muitos intelectuais, muitos teóricos e os indignados estão fazendo. Realmente é importante identificar como tais elementos são ligados para formar processos discursivos em relação a um contexto ideológico, e como o discurso oculta as estruturas colocadas, assim como o poder é inserido na linguagem de modo a obscurecer o que há por trás de um evento social, de maneira conveniente aos interesses ideológicos dominantes. Porém, nos parece que a realidade é muito mais complexa do que pensamos em nossas vãs teorias, e o fenômeno “evangélicos bolsonaristas” é a prova concreta disso.

A ideologia pode forjar representações em um discurso que é recebido como natural e inevitável, pois os interesses particulares, em última instância, apresentam um vínculo orgânico com aquilo que se relacionam, e tem vínculo direto com o processo pelo qual os interesses de determinados tipos são ocultados, racionalizados, universalizados, legitimados em nome do poder político e da manutenção da ordem social.

No caso das igrejas evangélicas, o discurso reproduzido no interior de seus templos se articula a partir da apropriação da experiência pessoal do sujeito para atingir um nível de consciência prática, construindo uma identidade comum entre os frequentadores, porém retirando todo impulso coletivo social e a concepção de construção da história. A transformação é atribuída ao sujeito individual e à sua fé, gerando “tipos ideais” artificialmente construídos e não sujeitos coletivos reais.



O presente artigo busca, portanto, compreender o caráter e a estrutura interna dessas concepções do contexto político e social atual através de uma ótica que relaciona a religião evangélica com a ascensão da extrema direita no Brasil, e conseqüentemente, a vitória eleitoral do governo Bolsonaro, e a partir disso compreender o momento histórico atual e os fenômenos que se manifestam na produção e na reprodução da realidade das estruturas sociais, mostrando a partir disso, os interesses que movem as relações concretas entre os homens, e entre os homens e o mundo em que habitam.

Sobre ideologia

Tanto o fundamentalismo religioso quanto a extrema direita se nutrem da intolerância e a imposição de uma verdade absoluta, construindo meios e formas de impulsionar essas ideias, muitas vezes a partir da ignorância da população. Ignorância no sentido de desconhecer a realidade. Para isso, utilizam-se de mecanismos de controle e inversão da realidade, a fim de que a população não tenha acesso às reais forças que estão por trás das circunstâncias estabelecidas.

A religião é a ponte por sobre a qual a ideologia dominante passa a exercer o seu poder, se realizar e se manter enquanto *status quo*. De acordo com essa perspectiva, a religião é o modo de operação do discurso ideológico da extrema direita, sendo sua forma institucional/ instrumental, em outras palavras, é a sua porta voz.

O termo ideologia vem sendo muito citado nos últimos tempos, e em quase todas as situações e diálogos, de forma extremamente equivocada e banalizada. Ideologia é um conceito tão complexo, que dentro do próprio marxismo, há divergências em relação ao real significado. Porém, no



contexto atual, este termo está sendo usado e difundido como sendo o sinônimo de tudo aquilo que não diz respeito aos preceitos e interesses da extrema direita, como se “ideologia” se referisse necessariamente à esquerda.

Segundo Isteván Mészáros (2008):

A ideologia como forma específica de consciência social, é inseparável das sociedades de classes. Ela se constitui como consciência prática inescapável de tais sociedades, vinculada à articulação dos conjuntos de valores e estratégias rivais que visam ao controle do metabolismo social sob todos os seus principais aspectos. Os interesses sociais, que se revelam ao longo da história e que se entrelaçam de modo conflitante, encontram suas manifestações no plano da consciência social na grande diversidade do discurso ideológico, relativamente autônomo (mas, de forma nenhuma independente), com seu impacto poderoso mesmo sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social. (MESZAROS, 2008. p. 9)

O que Mészáros quer dizer com isto é que ideologia é uma mistificação própria de sociedades que possuem conflitos de classes assimétricos, sendo um recurso utilizado para mistificar essa luta e esses conflitos, produzindo a manutenção das classes dominantes através de discursos e outros inúmeros recursos (como a religião) para promover a não percepção e não consciência dessa hierarquia de dominação. Segundo o autor, ainda, o que define ideologia não é a “falsa consciência” ou a subestimação da razão, mas é a sua situação real em um determinado tipo de sociedade.

Essa mistificação em torno da realidade cria situações nas quais as classes dominadas passam a fazer coisas e a defender segmentos e governos



que vão totalmente contra seus interesses. Há um “consenso” que envolve valores e diretrizes práticas que são, na realidade, totalmente adversos as suas necessidades.

É exatamente isto que vemos no Brasil atual: os chamados “pobres de direita” defendendo um governo completamente avesso a pobres, e que retira cada vez mais os direitos dos trabalhadores e programas sociais. Porém, este fenômeno é muito mais complexo do que parece à primeira vista, e tem relação direta com luta de classes.

A realidade do cotidiano vai além do binarismo colocado em redes sociais, de um lado a esquerda e de outro os “protofascistas” ou “bolsominions”, como são chamados os eleitores do presidente Jair Bolsonaro. Os efeitos entre a direita e a esquerda tem raízes mais ocultas do que se pode imaginar, e a semente é a igreja evangélica, como iremos falar a seguir.

A igreja evangélica e a sua doutrina

Essas igrejas oferecem “ajuda espiritual”, pois afirmam que o fracasso seria “coisa do Diabo”, desprezando-se a origem histórica e material destas necessidades e demandas. Um exemplo disto é uma afirmação que R. R. Soares e Edir Macedo, dois dos principais protagonistas de igrejas evangélicas, fizeram sobre a extensão da “ação demoníaca” no Brasil “Agindo na religião, são os culpados pelo fato de o Brasil não ser um país bem mais desenvolvido” (MACEDO, 2000).

Deus é colocado como terapeuta e a igreja como mediadora. Os problemas sociais são transferidos para o campo espiritual. Sob essa ótica, os cultos neopentecostais podem ser tidos como um momento de fuga das circunstâncias e contradições reais, em que vivências e experiências



transcendentais que proporcionam sensações de bem-estar e alívio são oferecidas ao fiel e servem a ele, como um momento de felicidade nas quais muitos não experienciam no seu cotidiano, devido a exploração no trabalho, as situações de precariedade e necessidade material, além da insegurança da vida contemporânea.

A busca religiosa ganha um novo contorno, por meio de inserção na vida contemporânea globalizada, no mercado de trabalho cada vez mais excludente, e acima de tudo, na busca pela ascensão social (ORO, 2003). A ascensão social não diz respeito somente ao ganho econômico, mas à toda uma construção ideológica sobre um imaginário econômico que promove a competição, criando esquemas de pensamento de mercado. São os valores de uma ética profissional postulada pelo mercado livre e neoliberal, que se aloja no país, principalmente, nos anos 1990.

Diante deste contexto incerto da "década neoliberal", complexificam-se as relações e o nível de sociabilidade, intensificando-se também as crises individuais e subjetivas. As formas de produzir e reproduzir a vida se diversificam, surgindo também novas formas de consumo material e simbólico, nas quais se envolvem as maneiras de experienciar a religião. Esse cenário cria mudanças internas no campo religioso, como o surgimento de igrejas de diferentes denominações que passam a oferecer soluções para enfrentar os problemas pessoais decorrentes dos sacrifícios impostos à população pelas mudanças sociais ocorridas na "década neoliberal". Os indivíduos passam a procurar instituições que contemplem suas necessidades espirituais e as oriente diante da situação de precariedade social. A igreja como esfera simbólica da sociedade se apresenta como produtora e ao mesmo tempo produto. Como podemos observar nos escritos de Karl Marx sobre a religião, na qual consideramos aqui ainda atual:



A angústia religiosa é ao mesmo tempo a expressão da dor real e o protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, tal como o é o espírito de uma situação sem espírito. “É o ópio do povo” (MARX, 2010; p. 304).

Para Marx, a religião expressa também um protesto e uma resistência do oprimido contra a angústia existencial, que advém em última instância da miséria material. A igreja, embora tenha se submetido à racionalização burocrática na qual envolve metas, estratégias, meios de maximizar seus benefícios e alcançar de forma eficaz seus objetivos, é hoje o local onde os indivíduos podem se refugiar dessas relações, encontrando abrigo emocional. As igrejas mais do que nunca apresentam o sentido de uma comunidade com laços fortes e estáveis, que une e fortalece um grupo, como uma comunidade da fé que protege os indivíduos do que Durkheim (1970) chamaria de anomia social.

Peter Berger (1984) sustenta também a perspectiva que considera a religião como uma ferramenta de integração moral da sociedade, cuja função primordial se perdeu e se degenerou. As principais críticas que essa teoria recebe é a de que essa análise do comportamento dos indivíduos é insuficiente, pois não considera os valores dos indivíduos (Hechter, 1997) adquiridos a partir de um contexto social (Sherkat, 1997) e tampouco considera o status, a mobilidade social e as normas grupais (Shertak e Wilson, 1995). O que ocorre é que, de fato, há um pluralismo religioso que possibilita uma maior diversidade de religiões que passam a competir entre si, essa competição acarreta em uma dinâmica de mercado que abrange uma complexa rede de relações e que oferta e possibilita diferentes formas de se relacionar com o sagrado na sociedade contemporânea.



A mudança no papel e função da igreja na esfera social tem influência no processo pelo qual setores da sociedade e da cultura se subtraem à dominação das instituições e símbolos religiosos tem relação direta com uma determinada secularização da consciência. Porém, essa secularização ocorre no plano burocrático principalmente, ocorrendo que os vestígios de uma concepção religiosa de mundo permanecem fortes e cada vez mais presentes.

Apesar de apresentarem grande participação na esfera da política, não demonstram grande interesse em problemas em relação às contradições sociais ou desemprego, por exemplo, afinal, são problemas atribuídos por eles a causas divinas. Seu engajamento na esfera política visa a conquista de poder e atendimento dos interesses das causas evangélicas e da instituição. Em seus cultos, não se atentam a projetos sociais ou com perfil de militância política, visam se ajustar às demandas sociais interessadas na resolução de problemas cotidianos e pessoais, e satisfação de desejos materiais, funcionando como pronto socorro espiritual especializado na venda de “bens de salvação” (MARIANO, 1999).

Este é um ponto importante no tocante à relação e incorporação ao sistema capitalista, uma vez que a desarticulação do coletivo é um dos princípios que sustentam a ideologia neoliberal, retirando o senso da atuação coletiva como práxis revolucionária. As igrejas tradicionais, principalmente a Igreja Católica, sempre promoveram em sua doutrina formas de atuação em grupo, visando o bem da comunidade. Esta postura entra em choque diretamente com o novo comportamento da sociedade moderna, que cada vez mais individualiza e fragmenta as formas de sociabilidade.



Relação entre Fundamentalismo religioso e extrema direita

O fundamentalismo religioso se caracteriza pelo apego à ideia de verdade absoluta. Para o fundamentalista religioso, a bíblia detém a verdade absoluta e essa verdade é incontestável, isso envolve desconsiderar toda e qualquer possibilidade de questionamento acerca da veracidade de um dogma, assim como exclui a possibilidade de que a bíblia seja passível de diversas interpretações. Interpretações estas que podem variar de acordo com o contexto histórico e social. Em suma, o fundamentalismo religioso é a concepção que impede o pleno convívio entre as diferenças, sejam elas em relação à religião ou qualquer outra forma de visão de mundo, ou forma de existir no mundo que não esteja conforme uma determinada leitura da bíblia.

Nesse sentido, o fundamentalismo religioso por si só é uma concepção de mundo perigosa, no sentido que advém da ideia de imposição e controle de corpos e mentes. Porém, o fundamentalismo religioso aliado ao extremismo político passa a ser um posicionamento que ameaça à democracia e a liberdade de uma sociedade, uma vez que um encontra no outro bases necessárias para se desenvolver e se expandir, a fim de que se tornem a única forma de pensamento possível, excluindo e oprimindo todas as outras formas de pensar, e principalmente, impedindo a oposição.

A oposição é o que move o mundo. Sempre foi assim em toda a história das lutas e revoluções da humanidade. É através da oposição que surge o novo. É através da contestação que se criam novas percepções acerca da realidade, e possibilidades de transformação desta realidade. O próprio Marx aponta para o fato de que a revolução deve ser permanente, as circunstâncias nunca devem permanecer incontestáveis, e nem suas instituições, pois a transformação deve ser eterna. É isso que o fundamentalismo teme, é isso que a extrema direita teme: a constante



mudança, e por isso pregam a conservação, a manutenção dos fatos, a verdade absoluta e incontestável, o dogma, recorrendo sempre à justificativa da “tradição” e apelando para a ideia de “preservação da família”.

Através da ideia de “preservação da família”, o monstro é alimentado. Quando o discurso da extrema direita mobiliza a ideia de que a família é sinônimo de tradição, e logo, faz parte dos interesses da direita, e a destruição da família é um projeto da esquerda, uma vez que a esquerda prega a transformação das antigas estruturas, clamando por um novo formato de sociedade, a ideologia é mobilizada.

É nesse sentido, que a religião, em específico, o fanatismo religioso, se alia ao campo político, mobilizando repertórios e construindo justificativas, se utilizando também de representações e interações sociais, forjando papéis na formulação de demandas, e acionando ações que mobilizam interesses particulares.

Em busca da Prosperidade

Há uma ideia de que quem elegeu Bolsonaro foi a elite brasileira, as classes dominantes e privilegiadas, e isto não é de todo incorreto. Porém, para que este candidato fosse eleito, foi necessário que a maior parte da população votassem nele, e no Brasil, a maioria da população não é a elite, mas as classes menos privilegiadas. Isso quer dizer que grande parcela da população das classes pobres e extremamente miseráveis, optou por votar neste candidato. É claro que as motivações destas classes não são as mesmas das elites, e principalmente porque envolvem um fator determinante: a igreja evangélica e o direcionamento político realizado nos cultos.

As classes privilegiadas votaram em Bolsonaro com medo de perder seus privilégios, já as classes desprivilegiadas votaram com a esperança de



que passariam a ter privilégios, motivados em muitos casos pelo discurso dos pastores que em muitos casos observados expressaram seus posicionamentos de formar extremamente clara no período eleitoral². Porém, esses anseios pela melhoria de vida da classe trabalhadora não se referem aos direitos da classe como um todo, mas sim da sua vida particular. Por isso, não dizem respeito à ampliação de direitos, mas sim de privilégios, pois privilégios são benefícios pessoais, ao contrário de direitos que tem estreita relação com o processo democrático de um país.

Essa motivação vinda de igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais têm relação direta com a Teologia da Prosperidade, uma vez que essa doutrina incentiva a prosperidade individual e pessoal, através de sucesso material em vida. É uma Teologia que não diz respeito à vida após a morte, ou ao céu, recompensas divinas ou algo do tipo, mas afirma que o sucesso em vida corresponde ao sucesso divino, ou seja, quanto mais bem sucedido economicamente, mais adorado por Deus você é. Essa ideia carrega também uma concepção fragmentada e alienada da vida em sociedade, e retira todo impulso coletivo e social. É o princípio da meritocracia, onde cada um é responsável pela sua própria condição econômica, isentando toda a responsabilidade do sistema econômico e político. Por isso, é a doutrina base do neoliberalismo, e que, em países emergentes como o Brasil, se torna perfeita ideologicamente.

Muitas igrejas evangélicas pregam a Teologia da Prosperidade, são as chamadas “igrejas neopentecostais”, e trazem juntamente com a ideia de sucesso material e prosperidade econômica, preceitos morais e

² Informação baseada em pesquisa de campo, juntamente a levantamento de dados via redes sociais realizada acompanhando o perfil das igrejas pentecostais e neopentecostais Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus, Igreja Deus é amor e Bola de Neve Church's, durante o período pré-eleitoral no ano de 2019.



extremamente rígidos em relação à vida, à sexualidade, à recriminação do divórcio, ao aborto, à homossexualidade, a bebidas, entre outras questões. Isto se dá por diversos motivos, mas principalmente pelo fato de que uma vida regrada é mais propensa ao sucesso profissional do que uma vida desregrada. Outro motivo maior e mais intrínseco a grande rigidez comportamental e rigor em relação à conduta de vida dos fiéis é que isto viabiliza o controle de corpos e mentes, facilitando a dominação e a manipulação por parte dos interessados.

Os interessados até então eram a própria instituição. Mas essa situação se modificou recentemente. Cada vez há mais interessados nesse “sucesso” da igreja, e assim vemos no Brasil a política estreitar intimamente os seus laços com a igreja evangélica. A presença de evangélicos na política vem gerando cada vez mais discussões sobre o lugar da religião no espaço público, pois essa entrada de atores religiosos na esfera política traz uma retórica de cunho confessional que, ao longo dos anos, vem se ajustando com o discurso estritamente político, modificando o seu contorno, perfil e caráter, em concordância com outras linhas discursivas próprias do espaço legislativo, expressando também a capacidade de articulação política e evidenciando a atuação dos parlamentares evangélicos em assuntos que entram em pauta neste espaço supostamente laico.

A Bancada Evangélica no Parlamento (eleita em 2014 para a Legislatura 2015-2019), em exercício no presente momento por 85 deputados/as federais e 2 senadores, num total de 87 parlamentares³, tem

³ Os dados foram levantados com base em pesquisa do DIAP, na lista de eleitos apresentados pela Frente Parlamentar Evangélica e em consultas a assessores de parlamentares da Bancada da legislatura anterior. Foram examinados nome por nome e checados os/as eleitos/as que, de fato, tem vinculação religiosa – descartados o simples pertencimento a partidos identificados como religiosos ou o



como igreja predominante a Assembleia de Deus. Os parlamentares evangélicos acreditam que a expansão dos direitos da família⁴ e o reconhecimento desta instituição em outros formatos significa a real destruição da família. Essa extinção, segundo eles, está sendo realizada e incentivada por seus adversários políticos. Diante disto, os parlamentares evangélicos criaram diversos projetos de lei que visam proteger a instituição familiar, como por exemplo, o Estatuto da Família. Para que esse posicionamento seja legítimo, é construída toda uma performance em torno da maneira como o debate será travado. Os atores religiosos passam a se apropriar de toda uma série de recursos próprios do ambiente político, na qual códigos, linguagens e toda uma gramática performática são construídos e acionados para defender juridicamente uma concepção religiosa, através de uma roupagem política.

De acordo com a leitura sobre os pronunciamentos advindos de membros da Frente Parlamentar Evangélica desde a sua fundação, em 2003, os discursos de caráter religioso são identificados não apenas em temas referentes à religião, mas também no reforço de posicionamentos de cunho moral e religioso, relacionados a questões sobre os direitos humanos, como aborto, consumo de bebidas alcoólicas, pesquisas com células tronco, entre outros assuntos que emergem no âmbito político. Um dos temas mais tratados ultimamente, entretanto, tem sido em particular o do conceito de família. Esse debate tem sido intensamente realizado no meio político, com especial e ativa atuação dos parlamentares evangélicos nas definições de classificações e arranjos familiares.

apoio recebido por uma determinada denominação evangélica na campanha eleitoral.

⁴ Como por exemplo, o casamento gay e o reconhecimento de outros formatos de famílias, que não somente a formada por um homem e uma mulher e filho (s).



A bancada evangélica, por sua vez, reforçou seu posicionamento através de eventos que defendiam a “família tradicional”, promovendo encontros como Marcha da

Família com Deus pela Liberdade, a Marcha para Jesus e a Jornada Mundial da Juventude. Segundo a doutrina evangélica, Deus fez a família composta por homem e mulher para construir o mundo, e qualquer espécie de vínculos que não seja composta por laços heterossexuais é vista como uma afronta a vontade de Deus.

Segundo Regina Novaes (2002), as motivações religiosas são muito próximas das motivações políticas. Em ambas as esferas estão presentes razões, certezas, normas morais e sentidos para a vida, pois, ambas despertam o entusiasmo, a motivação ou a paixão, na qual são representações que tanto a crença religiosa quanto a política pressupõem (NOVAES, 2002).

Esses elementos podem contribuir para compreensão da ação política evangélica, assim como suas retóricas e aparatos discursivos, onde buscam respaldo jurídico para fazer valer suas reivindicações presentes em suas pautas conservadoras.

Bolsonaro acima de tudo, Igreja acima de todos

Para muitos, Deus e Bolsonaro são duas formas de salvação de uma vida indigna. Essas pessoas não são necessariamente simpáticas ao fascismo, à segregação racial, ou a favor da tortura, da censura, da ação violenta de policiais. São pessoas vulneráveis economicamente, emocionalmente e desesperados em vários sentidos. O problema mais grave é que essas ideias circulam sem oposição ou crítica nos meios religiosos, frequentemente defendidas como liberdade de expressão ou em nome da bíblia. Essas ideias



se misturam com conservadorismo, reacionarismo, libertarianismo e a pior das características: são contra a democracia liberal, ou mesmo qualquer tipo de democracia.

Entre algumas aproximações, o que uniu essa nova direita brasileira ao discurso evangélico foi com certeza a obsessão pela moralidade e o monopólio da razão, excluindo toda e qualquer possibilidade de questionamento. Ambas elegem um inimigo para travarem uma guerra: seja o inimigo a própria esquerda ou o demônio. Atualmente a esquerda se tornou o próprio demônio segundo essa linha de pensamento.

Com um inimigo feito e ridicularizado ao extremo através de discursos de ódio e terror, o segundo passo é massificar ao máximo estes posicionamentos, difundindo informações não verídicas e manipuladas através de uma ferramenta de fácil acesso e que exige pouca reflexão: o *whatsapp*. Esse meio de comunicação se tornou a preferida dos eleitores do Bolsonaro. Em correntes que unem religião, Deus, demônio, ataques ao PT e apelações diversas, muitas pessoas compartilham sem absolutamente nenhum senso de consequência. A maior parte do conteúdo destas correntes é similar aos discursos dentro das igrejas evangélicas. Todos em torno de questões como: “Deus elegeu Bolsonaro para salvar o Brasil” ou “precisamos salvar o Brasil da ameaça comunista que ameaça a família tradicional cristã”, e até mesmo “forças demoníacas estão atacando contra o nosso presidente”.

No último dia 1 de setembro de 2019, o presidente Bolsonaro foi chamado pelo Bispo Edir Macedo para receber “unção” dentro da igreja Universal do Reino de Deus em culto evangélico no Templo de Salomão, no Brás, em São Paulo. O pastor afirmou que Bolsonaro foi eleito por Deus para liderar 210 milhões de brasileiros e que toda a mídia está contra ele e contra o presidente. Antes de iniciar a “unção”, o pastor comparou o presidente a



Deus. Edir afirmou que “Deus honra aqueles que o honram, assim como Bolsonaro⁵” e ainda “Bolsonaro vai arrebentar, não porque sou eu ou porque é ele, mas porque é o espírito santo”.

Diante destas falas e destes acontecimentos cada vez mais comuns, observa-se que há de fato uma superestimação em relação à figura do presidente, de modo que sua imagem torna-se, através de todo um simbolismo criado, um “mito”, no sentido mais preciso da palavra. No momento em que o pastor alega que Deus escolheu este presidente para governar o país e este fato é inquestionável, os fiéis de sua igreja o seguem cegamente, sem absolutamente nenhuma resistência.

A questão da família entre os evangélicos

A questão da família é um dos pontos centrais no discurso de ambos os lados, tanto do conservadorismo político, quanto da tradição da igreja. Quando o fator “família” é mobilizado, é mobilizada também toda uma teia de sentidos e significados que afetam diretamente o imaginário e a subjetividade do cidadão médio. A família ocupa o lugar do sagrado: é uma norma moral. Não protegê-la é ser mutilado na própria noção de humanidade.

Como já nos mostrava Marx, a construção da família como o espaço da procriação é a condição de possibilidade para a formação social. Mas a família não é a base da reprodução social. Com o tempo passa a ocupar o lugar do sagrado, juntamente com a sua função na cadeia produtividade de dar continuidade às classes sociais e seus legados. A sagrada família e,

⁵ Afirmação retirada, disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-recebeuncao-de-edir-macedo-e-bispo-diz-que-presidente-vai-arrebentar,70002992132>. Acesso em: 05 set. 2019.



principalmente, a imagem de José ganham destaque no culto religioso: a família é corporificada na Sagrada Família. A modernidade se funda, portanto nessa organização de família, a família patriarcal que tem uma organização muito bem definida e através disto permeia todas as relações de dominação e hierarquia. A religião é, nesse sentido, a instituição que protege essa organização familiar e tem como função usar todos os seus recursos para promover a manutenção dessa ordem.

Considerando que as classes altas se mantêm e se reproduzem através da continuidade de posse de bens e da condição material efetiva, a classe média por não possuir esse meio, se perpetua enquanto classe através do incentivo aos estudos, pela transmissão afetiva, invisível, imperceptível porque cotidiana e dentro do universo privado da casa, das condições que irão permitir aos filhos dessa classe competir no mundo do trabalho, com grandes chances de sucesso.

Já as classes baixas não possuem nem uma coisa e nem outra. A possibilidade de sonhar, de ter esperança, de ter apoio é muitas vezes um privilégio de classe. Como se sabe, a "corda sempre arrebenta do lado mais fraco", e o lado mais fraco no Brasil é também o lado dominado, não é exatamente um lado, mas uma camada, aquela que está embaixo, aquela que está à periferia, à margem, e lá a esperança e o ato de sonhar é um exercício de difícil execução e pouco óbvio, na qual a igreja tem papel central.

A igreja evangélica é a que mais atende essa demanda da população, sendo a Igreja Universal do Reino Deus nosso caso mais marcante. Os motivos são diversos, mas entre eles está a origem da igreja protestante que desde seus primórdios nos Estados Unidos surge como movimento não só religioso, mas também social, assim como na maneira pela qual e para onde



essa religiosidade se expandiu no mundo. Além disso, temos como fator importante a sua flexibilidade e capacidade de adaptação, que permitem novas variações do seu discurso, criando um formato adequado às classes periféricas e suas necessidades.

Essas igrejas proporcionam para as classes periféricas aquilo que as outras classes já possuem em suas vidas privadas: o incentivo e a esperança. Através da igreja, as crenças individuais e coletivas são atualizadas constantemente, assim como a ideia de uma promessa de futuro num sentido prático para orientar a conduta de vida. Esse fator é primordial para compreendermos a grande adesão de determinada classe às igrejas evangélicas.

Posto isso, acrescenta-se o fato de que essas igrejas, na qual o fiel tanto é grato na sua vida particular, passa a estimular outra figura, que não somente a de Deus, mas uma figura concreta, real, material, em vida, a figura de um homem que é colocado bem além do que um político, mas um salvador da pátria. Esta manipulação institui no imaginário comum do fiel um sonho a mais em sua vida, uma esperança, uma vez que Deus colocou Bolsonaro para dirigir a nação, segundo os dizeres do pastor.

É com base nisto que toda uma série de simbologias e significados são mobilizados na esfera da subjetividade do fiel, este que deposita nas mãos do pastor toda a sua confiança e crença, uma vez que o pastor é visto na igreja evangélica como o porta voz de Deus. Isso, somado ao fato de que grande parte da população que frequenta as igrejas evangélicas não se interessava por política até pouco tempo atrás, uma vez que a própria igreja recriminava o interesse por esta área.

A igreja encontrou na política a justificativa ideal para seus preceitos de ordem moral e conservadora, e o discurso da extrema direita, por sua vez



encontrou na igreja evangélica a justificativa perfeita para legitimar seus preconceitos e intolerâncias. Mais do que estabelecer diálogo com doutrinas evangélicas, a extrema direita brasileira contribui para normalizar ideias neofascistas. Através de um discurso com caráter de “verdade absoluta”, que mobiliza a bíblia e o nome de Jesus, quando são criticados por esses aspectos se escondem atrás do manto da “liberdade de expressão” ou “a favor e em defesa da família e da tradição”. Através desta união, o Brasil vive um dos períodos mais sombrios e nebulosos de sua democracia, já tão ameaçada e frágil.

Conclusão

A relação entre os evangélicos e a admiração, ou mesmo fanatismo pela figura de Jair Bolsonaro ainda é bastante nebulosa e envolve muitas variantes. Porém, é um tema que está sendo bastante estudado dentro das Ciências Sociais, entre outras disciplinas que buscam compreender os fenômenos sociais e suas correlações e procuramos neste artigo desenvolver algumas reflexões acerca deste assunto.

É certo que a condição econômica e a carência material afetam diretamente a subjetividade e religiosidade de um indivíduo, porém, há outras dimensões humanas igualmente importantes e que interferem na conversão religiosa e na opção política de cada pessoa. A manutenção e a reprodução das classes se faz não somente pela herança material, mas também por todo um estilo de vida, no qual envolve valores, concepções, intelecto, perspectiva e também a própria religião, como foi abordado aqui.

No meio do processo de liminaridade e de crise econômica, não foram poucas as pessoas que atribuíram à igreja evangélica a salvação e a última esperança. O número de evangélicos aumentou consideravelmente



nos últimos anos. Cada estado brasileiro conta com pelo menos um município de maioria evangélica. Entre os grandes estados brasileiros, o Rio de Janeiro é a Unidade da Federação com maior número de adeptos de igrejas pentecostais e neopentecostais e coincidentemente, é também o Estado com maior número de votos para o presidente Jair Bolsonaro.

A força e a influência da igreja se perpetuam e se fortalecem através de mecanismos de reprodução e constante vivência, mas principalmente através do discurso proferido, discurso este que atualmente não se limita mais ao espaço da igreja, nem ao momento do culto, mas está presente em outros ambientes, como na mídia, nas redes sociais e reproduzidas por inúmeros meios, tornando-se a concepção hegemônica no Brasil atual.

A união entre o espaço religioso e o espaço político não é nova, em toda a história da sociedade ocidental houve esse vínculo, porém a hegemonia sempre esteve nas mãos da igreja católica. A expansão da igreja evangélica é ainda um fenômeno recente, e suas consequências ainda estão sendo estudadas.

A grande problemática deste cenário está principalmente em relação ao ataque constante à democracia, e o retrocesso no que diz respeito aos direitos conquistados em diversos setores, como os direitos dos trabalhadores, das mulheres, da comunidade LGBT, entre outras minorias, tendo preconceitos e intolerâncias justificadas através da palavra de Deus. Mais do que estabelecer diálogo com doutrinas evangélicas, a extrema direita brasileira contribui para normalizar ideias discriminatórias e violentas.

Assim, torna-se necessário um exercício de reflexão e equilíbrio, cabendo aos estudiosos das ciências humanas e à academia, a responsabilidade de não se manter neutra ou calada. É preciso denunciar o fundamentalismo e o extremismo como expressões protofascistas no Brasil,



porém, sem cair na generalização e no senso comum. É importante conservar o respeito e a tolerância em relação às religiões, identificando a heterogeneidade desse campo, e assim dialogando e fortalecendo iniciativas que não estão sob controle das narrativas fundamentalistas.

Referências

- ASAD, Talal. **Formations of the secular modern: Christianity, Islam, Modernity**. Stanford, California: Stanford University Press, 2003.
- BERGER, P. et al. (2008), **Religious America, Secular Europe? A theme and Variations**. Burlington: Ashagate Publishing Company.
- BOLTANSKI & THEVENOT. **De la justification: les économies de la grandeur**. Collection NRF Essais, Gallimard Paris, 1991
- BOLTANSKI, LUC. **Nécessité et Justification**. Revue Économique. n. 2, 2002, Vol. 53, p.275-289.
- BOURDIEU, Pierre. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- BUTTLER, Judith. **Excitable Speech**. A politics of the Performative. New York/London: Routledge, 1997.
- CAMPOS, L. S. **De políticos de Cristo** – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In: BURITY, J. A; MACHADO, M. D. C. (Org.) Os Votos de Deus: evangélicos, política e eleição
- CASANOVA, J. **Public Religions in the Modern World**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium, 2007.
- DUARTE, Luiz Fernando. **Pluralidade religiosa nas sociedades complexas e 'religiosidade' das classes trabalhadoras urbanas**. Boletim do Museu Nacional. 1983, Vol. 41.
- _____. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M.L. et al.



Sexualidade, família e ethos religioso. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FONSECA, A. B. **Surge uma nova força política:** A Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições de 1994. Rio de Janeiro: mimeo, 1996.

FRESTON, P. **Evangélicos na política brasileira:** história ambígua e desafio ético.

Curitiba: Encontro Editora, 1994.

_____. **Religião e política, sim;** Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política. Viçosa: Ultimato, 2006.

GIDDENS, A. , **The Consequences of Modernity.** Cambridge: Polity, 1990.

GOMES, E.; NATIVIDADE, M.; MENEZES, R. A. **Proposições de leis e valores religiosos:** controvérsias no espaço público. In: DUARTE, L.F.D...[et al]. (Org.). Valores religiosos e legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 15-44.

HABERMAS, Jürgen. **L'espace public.** Paris: Payot, 1978.

LATOUR, Bruno. **La cartographie des controverses.** Technology Review. vol. 1, 2007.

LOWENTHAL, Manuela F.. Marília: **A materialidade do trabalho religioso:** um estudo sobre o neopentecostalismo da Igreja "Bola de Neve". Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2016.

MACHADO, Maria das Dores. **Religião, cultura e política.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais:** sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARX, Karl. **O capital:** Crítica da Economia Política. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MONTERO, Paula. **O campo religioso, secularismo e a esfera pública no Brasil.** Boletim CEDES. PUC-RJ, 2011.



PIERUCCI, A. F. **Representantes de Deus em Brasília**: A Bancada Evangélica na Constituinte. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, n. 11, p.104-132, 1989.

SANCHIS, Pierre (org.). **Fiéis & Cidadãos**. Percursos do Sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

VELHO, Gilberto. **Biografia, trajetória e mediação**. In: G. Velho & K. Kushnir (orgs.). Mediação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

Recebido em: 09 set. 2019 | aceite em 15 fev. 2020

